

**Rekhet: Um exercício que transcende  
o ato de filosofar<sup>1</sup>**

***Rekhet: An exercise that transcends  
the act of philosophizing***

**Katiúscia Ribeiro**

Doutoranda / Universidade Federal do Rio de Janeiro - IFCS/PPGF  
Coordenadora do Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios – Geru  
Maa/IFCS/UF RJ.

**Adeodé (Ademar R. Nascimento)**

**Antonio Gomes**

**Ítalo Herbert**

**Jorge Bispo**

Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios – Geru Maa/IFCS/UF RJ.

**RESUMO:** O presente artigo objetiva apresentar a Filosofia Africana na antiguidade. Ancorado nos estudos de Théophile Obenga, este trabalho analisa o conceito *Rekhet*, palavra na língua egípcia antiga para Filosofia, cujo exercício visa a busca pela verdade – *Maat*. O ser humano é em *Kemet* uma entidade complexa que engloba os mais valiosos e inseparáveis elementos, construindo um sistema de valores morais e estéticos que compõem a Vida. Esta atividade complexa, criativa e artesanal passava pela investigação da natureza de *Maat*. Este artigo é um convite para adentrar à experiência do *Rekhet*, profundo sentimento de amor ao saber.

**PALAVRAS-CHAVE:** *FILOSOFIA AFRICANA; REKHET; KEMET; IB; MAAT.*

**ABSTRACT:** This article aims to present African Philosophy in antiquity. Based on Théophile Obenga studies, this study analyzes the concept of *Rekhet*, a word in the ancient egyptian language that means Philosophy, a life practice toward the truth - *Maat*. In *Kemet*, the human being is a complex entity that encompasses within itself the most valuable and indivisible elements to compose a system of moral and aesthetic values for the Life. This complex and creative practice involved investigating the essence of *Maat*. This article is an invitation to enter the *Rekhet* experience, a deep feeling of love to knowledge.

**KEYWORDS:** *AFRICAN PHILOSOPHY; REKHET; KEMET; IB; MAAT.*

---

<sup>1</sup> Este artigo só foi possível graças ao GERU MAA - Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios, núcleo *Rekhet*.

## INTRODUÇÃO

A exposição do conceito de rekhet neste artigo visa apresentar resultados de um trabalho coletivo através do laboratório *Geru Maa núcleo Rekhet* durante o último semestre de encontros de 2019. No decorrer da pesquisa em torno desse conceito percebemos a incrível preocupação que os antigos povos keméticos tinham em relação à palavra – seja ela escrita ou oralizada. A coerência era o que se buscava, na qual criador[a] e criatura se tornava um todo homogêneo. Os antigos africanos de *Kemet* era de fato uma civilização que se preocupava em ser um só corpo e uma só mente, ou seja, onde a interrelação e interconexão com todos os seres da realidade, da natureza, fizesse parte do bem viver. Viver segundo a natureza e as suas leis universais era viver debaixo das asas de *Maat* – a *Ntrt* (*Netert/ “deusa”*, força cósmica, fonte e nutridora da vida). E viver segundo a sabedoria universal era e ainda deveria ser o desejo impulsionador da vida, uma busca, mesmo que infundável, pela verdade (*Maat*) expressa na realidade.

Viver uma vida verdadeira nada mais é do que viver uma vida coerente com o que se fala e com o que se pratica, onde não haja dois pesos e duas medidas. Por isso, a sabedoria kemetiana alinhava a vibração existencial do ser com o todo, desde que houvesse um desejo profundo na pessoa em conhecer a si mesma e a realidade que a cerca. Para tanto, conhecer a realidade que nos cerca exige uma profunda análise do movimento da vida e de tudo o que pulsa vida, de tudo o que pulsa realidade. Mais do que analisar, exige observar atentamente as vibrações de nosso coração (*Ib*), a nossa respiração, nossos pensamentos e emoções, e compreender cada frequência, cada expressão singular de nossa existência, a fim de poder julgar (*upi*) sabiamente e honestamente se estaríamos no mesmo ritmo do Ser universal. É exatamente nesse processo que surge o *rekhet*, que, a princípio, poderíamos dizer que é a busca incessante do ser pela perfeição (*nefer*) – cujo exercício operava uma atenção plena a tudo o que a vida pudesse produzir de melhor em nós, por (através de) nós e para nós. Essa atenção

exigia de cada aprendiz a prudência (*sai*) para não perder seu foco e desalinhar seu ser em todo o percurso por *Maat*, a verdade. Caso contrário, havendo imprudência, haveria uma perda ao que se buscava – uma vida holística, uma vida coerente com o todo cósmico, o bem viver.

Através de muitas vivências, experiências e experimentos, os antigos povos africanos da civilização de *Kemet* puderam acumular saberes absurdamente grandiosos e valiosos, ainda vigorosos para nós, ainda mais no tempo em que vivemos, no qual a morte insiste em estar centralizada nas reflexões filosóficas, forçando a reflexão sobre a vida a entrar em suspensão. E como tudo teve um começo, investigar o princípio vital era uma função *rekhetica* nas *peru ankh* (casas da vida), isto é, nas assim chamadas de escolas de “mistérios” dos antigos “egípcios”, nas quais houve um intercâmbio cultural ao ponto de permitir conteúdos de reflexão aos gregos e fazendo surgir o que chamamos ainda hoje de *Filosofia*.

Entrementes, devido a constante negação que encontramos sobre aspectos históricos dessa antiga civilização, que contribuiu para a formação intelectual do ocidente e toda sua riqueza, procuraremos problematizar algumas ideias operantes no senso comum sobre *filosofia*, apresentar alguns conceitos keméticos, entre os quais e especialmente o de *rekhet* e expor um pouco sobre as nossas dificuldades materiais em resgatar a proposta do *rekhet*, bem como comentar um pouco sobre a metodologia que nos parece apropriada para esse resgate ancestral. Por fim, é do nosso agrado que *Maat* seja a medida da condução desse retorno, ajudando as pessoas leitoras a voltarem, ao menos por alguns instantes de suas vidas, o olhar, os ouvidos, o coração (*Ib*) e todos os sentidos sensoriais à convocação vital que o *rekhet* exige e merece.

### **Nascimento da Filosofia: *helenofilia* e *epistemicídio*.**

A filosofia, diante de suas inúmeras definições, pode ser entendida como “pensamento reflexivo sistemático sobre a vida” (YU-LA, 1976, p. 16), citado pelo professor Dr. Théophile

**Rekhet: Um exercício que transcende  
o ato de filosofar**

---

Mwené Ndzalé Obenga (OBENGA, 2004, p. 1, tradução nossa), egiptólogo, filósofo, linguista e historiador, que trabalhou por muito tempo ao lado de um dos maiores intelectuais do século XX, o Dr. Cheikh Anta Diop<sup>2</sup>. No consagrado texto intitulado *Egito: História Antiga Da Filosofia Africana*, Obenga relaciona a experiência que todos os seres humanos têm com a vida, com a capacidade que os humanos têm de pensar e de refletir, possuindo esse caráter particular inegável, no qual cada povo, de acordo com sua cultura, é capaz de especular sobre a vida, de propor ideias, estabelecer modos de vida, modos de organização, criar sistemas lógicos matemáticos, etc. Tradicionalmente, a palavra *philosophia* significa *amor (Philo)* à sabedoria (*shophia*), e deslocando esse termo do campo teórico para o campo prático podemos pensar no *amor* como um sentimento, como um impulso que nos movimenta rumo à experiência de percorrer um caminho que leve àquilo que buscamos: o saber. Esse é, então, o caráter inegável que todos nós possuímos em comum: *vivência e capacidade de expressão*. Pensamos que a prática filosófica parte desses dois princípios. *Vivência* aqui se refere à experimentação da relação do ser com a natureza, aos sentidos, às sensações, à afetação de um corpo no mundo. Esse mesmo corpo é dotado de *expressão*, de produzir sentido, de atribuir valor, de criar. A nossa seta aponta para um sentir, um relacionar-se, um afetar-se no caminho da existência. Sendo assim, podemos ter como ponto de partida que o ato de filosofar é compartilhado por todos os povos, porque todos os seres humanos carregam a potência de pensar, ou como diz Obenga:

Se, como Descartes (1596-1650) observou,  
o bom senso ou razão é igualmente

---

<sup>2</sup> C.A.Diop (1923-1986), senegalês de origem, conteve em vida um acúmulo de saberes e diplomas que abrangem diversas áreas do conhecimento. Foi um dos criadores do laboratório de datação de amostras arqueológicas pelo método do Carbono 14 (ou radiocarbono). Para mais informações biográficas sobre esse gênio do século XX, ver. OLIVEIRA, Humberto Luiz Lima de [traduzido por]. *Panorama histórico da vida, do pensamento e da obra de Cheikh Anta Diop* [recurso eletrônico]. Recife: Ed. UFPE, 2019.

distribuído entre todos os seres humanos, então é injustificado acreditar que alguns grupos da raça humana são deficientes na lógica ou no raciocínio do dispositivo pontual. A chamada “mente nativa” ou “mente primitiva” é apenas um preconceito racista, baseado na crença de que uma determinada população humana ou raça é superior a outras... (OBENGA, 2004, p.16).

Mas ao analisarmos a palavra *filosofia* que tem, segundo o *establishment*, sua raiz na língua grega, poderíamos perpetuar o equívoco e cair na armadilha de supor que a filosofia foi ‘inventada’ na Grécia e que foram os gregos os primeiros a pensar. Essa superstição nos persegue e está enraizada no nosso imaginário, a ponto de associarmos de maneira indubitável filosofia e Grécia, ou seja, associar o pensar ao homem branco. O referido preconceito nos leva a crer que filosofia e Grécia são sinônimos, já que a primeira palavra não necessita da segunda quando se trata da filosofia produzida pelos gregos. Porém, a posse de um termo não dá existência à prática. Sabe-se, por exemplo, que com frequência é atribuído a Pitágoras (582-500 a.e.c.[antes da era comum]) o feito de cunhar o termo *filosofia* pela primeira vez, o que pode de fato ser possível, mas que evidentemente não faz dele o ‘criador’ da prática, uma vez que antes dele veio Tales (624-546 a.e.c.) – considerado ‘primeiro’ filósofo e que teve seu apogeu por volta de 585 a.e.c. – que triunfou antes mesmo de Pitágoras nascer. Assim, conclui-se que a criação de um termo não significa a criação da prática. Além disso, a pureza desse grande feito de Tales é posta em cheque, uma vez que, segundo Laërtios (Laërtios, 2008, p. 19) Tales teria bebido da fonte Egípcia do conhecimento, assim como teria Pitágoras também ido ao Egito e aprendido com os sacerdotes (Laërtios, 2008, p. 229). Com isso é possível destituir a falsa ideia que se tem do sólido e cristalino milagre Grego e do seu pioneirismo do pensar, sendo questionável o atestado de nascimento da filosofia na Grécia. Quanto a isso, o filósofo

Renato Nogueira<sup>3</sup> traz essa questão ao denominar de *helenofilia* a essa ênfase sistemática à civilização grega nas academias, o qual diz:

Nós denominamos isso de helenofilia sistemática que passa a envolver os círculos acadêmicos com especial repercussão no campo da filosofia. Por helenofilia se deve entender um tipo de dogma intelectual que percebe na Grécia a única matriz de repertório filosófico na antiguidade. (NOGUEIRA, 2013, p. 142).

É fato que essas questões já foram superadas por autores como: C. A. Diop, M. B. Ramose<sup>4</sup>, Martin G. Bernal<sup>5</sup>, M. K. Asante<sup>6</sup>, George James<sup>7</sup> e Théophile Obenga. Porém, se insistimos nesse ponto é devido ao fato de ainda existir esse tipo de crença, a qual não deveria se repetir em demasia, e esse tabu construído sob as bases do epistemicídio acadêmico nos parece

---

<sup>3</sup> Professor Adjunto de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

<sup>4</sup> Mogobe Ramose é um filósofo contemporâneo, o qual atua nas áreas de Filosofia Africana, Filosofias da religião e do Direito, defesas étnicas e filosofia das relações internacionais. Atua como professor *extraordinarius* na University of South Africa.

<sup>5</sup> Martin Gardiner Bernal (1937-2013), nascido em Londres, foi um renomado historiador e erudito, autor do polêmico livro, porém pouco estudado no Brasil, chamado *Black Athena: Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, nunca traduzido para o português.

<sup>6</sup> Molefi Kete Asante é um historiador, renomado erudito e filósofo africano-americano, que atua no *Department of Africology* na Universidade de Temple. Autor também de diversos livros, entre os quais destacamos *Afrocentricity: The Theory of Social Change* e *The Egyptian Philosophers: Ancient African Voices from Imhotep to Akhenaten*.

<sup>7</sup> George Granville Monah James (1893-1956) foi um erudito, historiador e Phd pela Universidade de Columbia em New York, bem como havia sido professor de matemática, lógica, línguas grega e latina, conhecido pelo polêmico livro cujo título é *Stolen Legacy: Greek Philosophy is Stolen Egyptian Philosophy* lançado em 1954, porém não traduzido para o português, pouco conhecido, lido e estudado no Brasil.

estar ruindo. Quanto ao conceito de epistemicídio, Nogueira explica:

Por epistemicídio se deve entender o assassinato de perspectivas intelectuais que não estão dentro dos cânones europeus, no caso sob análise, Ramose, Diop e Bernal convergem para um entendimento comum, a filosofia africana foi invalidada pelos critérios ocidentais de filosofia. (NOGUEIRA, 2013, p.143).

Atrasados estão aqueles que perpetuam esse preconceito e ideias equivocadas, e aqueles que se dizem filósofos ou profissionais da filosofia já estão mais do que no momento de questionarem a história daquilo que ensinam e praticam. A prática filosófica, conceituada pelos ocidentais, já não se trata mais do sentido clássico que tinha, de amar a sabedoria, de buscar conhecimento da verdade, da relação intrínseca com a natureza – uma vez que fazemos parte dela – de refletir sobre a vida, mas sim de poder, dominação, hegemonia civilizatória, etc. Por isso, em defesa da humanidade de pessoas africanas em África ou em Diáspora, o presente trabalho tem o intuito de resgatar e apresentar a atividade que costumeiramente é chamado de *filosofia* feita pelos antigos em *Kmt* (antigo Egito) por volta de 3.400 anos a.e.c.

A região de *Kmt* (escrito também como *Kemet*) está localizada no nordeste da África, e quando se fala em *filosofia africana* é preciso ter cuidado, pois a África é um continente, e *Kemet* é fruto da unificação de diferentes povos do sul e noroeste do continente africano, como o povo de *Kush*, nomeado pelos Gregos de *Etiopes* e o povo Núbio<sup>8</sup>. Nessa unidade cultural africana<sup>9</sup>, cuja civilização foi formada nas margens do Nilo,

---

<sup>8</sup> Para mais informações, assista o documentário: *Espírito Núbio - 01 - Introdução*, disponível no Youtube pelo link: <https://youtu.be/E7BCACL3z68>

<sup>9</sup> DIOP, Cheikh A. *A Unidade Cultural da África Negra. Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica*. Edições Pedagogo, Lda/ Edições Mulemba, 2014.

**Rekhet: Um exercício que transcende  
o ato de filosofar**

---

encontramos um verbo de extrema importância que merece a devida atenção: *rekhet*. Esse verbo significa saber e aprender, *rekhet* significa também sábio. O sábio é de fato uma figura sólida na cultura *kemética*, a *Inscrição de Antef* da 12nd Dinastia datada por volta do 2000 anos a.e.c. citada por Obenga, nos dá uma definição de sábio:

Ele é o único cujo coração é informado sobre essas coisas que seriam de outra forma ignoradas, aquele que é perspicaz quando está profundamente envolvido em um problema, aquele que é moderado em suas ações, que penetra escritos antigos, cujo conselho é procurado para desvendar complicações, que é realmente sábio, que instrui seu coração, que fica acordado à noite enquanto procura os caminhos certos, que supera o que ele realizou ontem, que é mais sábio que um sábio, que se trouxe para a sabedoria, que pede conselhos e cuida para que lhe peçam conselhos. (OBENGA, 2004, p. 7).

As palavras são a medida da verdade, quando estamos em exercício de *rekhet* é preciso ativar os elementos de conjugação com essa palavra, *rekhet* pressupõe um atravessamento cardiográfico contendo toda síntese de aprendizado na busca da perfeição moral e espiritual, polimento da palavra pressupõe leveza coronária ouvir a si mesmo promove a sabedoria, investigação da natureza das coisas (*khet*) baseado no conhecimento preciso (*rekhet*) e o bom (*nefer*). A partir desta apresentação de palavras que constitui o *rekhet* percebemos a presença viva da filosofia em África, derrubando qualquer argumento que indique contrário. Obenga é minucioso ao descrever e comprovar a presença de *rekhet* a legitimidade do saber de Deus, sim *rekhet* trata-se de um prefixo de uma palavra bem dita se tratando de *Mdw nTr*, nome da escrita kemética, palavras de Deus, palavra bem feita, responsabilidade com a palavra remete a *rekhet*. Isso porque na língua egípcia

“sabedoria” e “prudência” estavam correlacionadas como bem sinaliza Obenga:

Na língua egípcia, “sabedoria” e “prudência” são expressas pela mesma palavra: *sat* (o hieroglífico determinante é muito característico; é de um homem com mão para a boca). De fato, ser sábio (*sai*) é ser prudente (*sai*); é para ser quase “silencioso”, isto é, sagaz em lidar com assuntos e exercitar o bom senso. Sabedoria e prudência implicam o conhecimento (*rekhet*) e a consciência dos princípios da conduta moral e do comportamento sociável. O homem sábio (*rekh* ou *sai*) agarra em sua mente com clareza e certeza o que é conhecido distintamente para ele. (OBENGA, 2004, p. 05).

Diante desta informação, sabedoria pressuporia verdade (*maat*) à busca da palavra verdadeira, sendo perspicaz na permanência dessa sabedoria, as palavras são a medida dessa realidade. Assim filosofia passa a ser um exercício do cotidiano, uma ação contínua, aperfeiçoando a mensuração e sua autenticidade. Se trata de um artesanato do pensamento que está em contínuo curso. Ou seja, não estamos a falar de um discurso separado da vida; mas, de uma orientação existencial que exige transformação de quem pratica a atividade (filosófica) e por ela é atravessada. Para os antigos egípcios essa é a definição de “ser humano sábio” ou filósofo: aquele que através da conexão da palavra de Deus chega à destreza da palavra bem-dita pela escuta que pulsa no seu senso vital, à essa escuta damos o nome de *Ib* (coração) onde se concentra nossa verdade o centro vital de nossa realidade e dele provém a sede de nossos pensamentos de nossas emoções. Não há dicotomia entre Emoção e Razão, para existir, não foram concebidos como entidades distintas, pois são elementos do ser que se alinham em um só fluxo do real: Razão, emoção, espírito e corpo sendo, matéria e espírito, uma concordância existencial.

**Rekhet: Um exercício que transcende  
o ato de filosofar**

---

O coração *ib*, também *haty*, na língua egípcia foi concebido como a sede de pensamentos e emoções. A palavra coração também significa “mente”, “compreensão” e “inteligência”. Razão, emoção, espírito, mente e corpo não foram concebidos como entidades antitéticas separadas. Matéria e espírito não eram opostos em conflito. Assim, em suas investigações, os filósofos podem recorrer a todos os recursos de seu ser, incluindo a razão e o sentimento. Desta forma, eles podem esperar alcançar a realização. (OBENGA, 2004, p. 07).

Desse modo, a pessoa *rekhética* é aquela que faz filosofia com o *coração*. O que é o *amor* à sabedoria senão o ato de instruir o seu coração? Ou senti-lo? Escutá-lo? O coração é movimento, o coração pulsa, ele bombeia o sangue, ele faz o corpo se movimentar. O coração na cultura *kemética* é identificado como *ib* e é representado por um recipiente. O coração tem importância, não somente biológica, mas filosófica, pois o coração é o primeiro órgão a ser formado no corpo humano, ele é formado através da gota de sangue ancestral que é sempre passada adiante. E a filosofia que tem o coração, a gota de sangue ancestral, como elemento fundamental é a filosofia da continuidade, é a filosofia que insiste, que tem os antigos como referência e que se esforça para se tornar alguém que seja humilde em pedir e dar conselhos. O que não faz dele um consultor e muito menos um tagarela, alguém irresponsável, pois a pessoa *rekhética* tem, sobretudo, a responsabilidade com a palavra, a sua postura é a de um artesão que tem a palavra como matéria prima para lapidar. A pessoa sábia está comprometida com o que diz, ela está envolvida com o exercício de alinhar o que se fala com o que se faz. Não existe abismo entre a fala e o ato, o solo em que a pessoa sábia anda, o caminho que ela constrói é um caminho de retidão no qual não há armadilhas. O que não faz dela um pastor que faz uso das palavras para conduzir o seu rebanho, pois a pessoa *rekhética* está entre iguais e fala com o coração. Ter responsabilidade com a palavra é estar

**Rekhet: Um exercício que transcende  
o ato de filosofar**

---

conectado com nossa ‘alteridade’. É entender a dimensão do ‘outro’ como parte da natureza. É preciso entender a unicidade. Para tanto, a pessoa sábia (*rekhética*) precisa ser humilde para escutar, sobretudo os mais velhos, pedir conselhos, buscar em si mesma a sabedoria, ou seja, experienciar a própria vida, uma vida que não está desconectada da comunidade em que vive, uma vida que não existe o não-ser, uma em que o ‘outro’ faz parte, pois todos estão envolvidos nesse mesmo movimento da natureza.

Em Araújo encontramos os seguintes ensinamentos de Ptah-Hotep: “Não te envaideças do teu conhecimento, toma o conselho tanto do ignorante quanto do instruído, pois os limites da arte não podem ser alcançados e a destreza de nenhum artista é perfeita. O bem falar é mais raro que a esmeralda, mas pode encontrar-se entre criados e britadores de pedra.” (Araújo 2000, p. 247). Essa é a figura do sábio construída em *Kemet*, que posteriormente seria identificada como a figura do filósofo. E em *Kemet* esse filósofo era obrigatoriamente um filósofo vivo, pois estava em movimento. Não à toa que *rekhet* se trata de um verbo. E o que é um verbo senão um indicativo de ação? Senão o próprio ato? O verbo carrega um caráter ativo para o ato de *filosofar*, aponta para um *exercício*, para um movimento. Por esse motivo começamos falando da prática e não necessariamente do conceito ou da teoria. A teoria, o conceito, é a própria prática. É através do ato que o conceito se estrutura, se constrói.

Com base nisso, poderíamos pensar simplesmente que o conceito de *rekhet* seria o equivalente ao termo *filosofia*. Porém, há uma diferença particular – pois, além de ser uma palavra e conceito africano, do antigo *Kemet*, é carregada de uma profundidade conceitual que ultrapassa, como procuramos demonstrar, a concepção que temos de *filosofia*. Normalmente, somos ensinados que a *filosofia* além de ser uma palavra grega é uma prática exclusiva de um povo que se tem como superiores, em sentido civilizacional, por desenvolverem um tipo de pensamento centrado na *razão*, que, resumidamente, do grego *logos*, significaria um princípio de inteligibilidade, cuja marca

seria a prática de um tipo investigativo, teórico e crítico, sistemático e organizado. A pessoa filósofa, neste sentido, seria um tipo de pessoa capaz de não apenas *amar a sabedoria*, mas uma pessoa investigadora, liberta de superstições ou crenças (dogmas) de uma tradição; livre de um pensamento que encara a realidade sem questionamentos. Em outras palavras, o pensamento filosófico é marcado pela recusa de verdades prontas e a atividade de elaborar novos conceitos a partir da observação da própria realidade e existência das coisas.

Segundo Obenga, o conceito de *filosofia* para os gregos ultrapassava o aspecto puramente mental e, ou, investigativo: “Filosofar não era apenas especular sobre a vida e refletir sobre a natureza, mas também estar envolvido com amor, intenso desejo e forte entusiasmo na investigação de causas subjacentes à realidade, a fim de construir um sistema de valores pelos quais a sociedade possa viver.” (OBENGA, 2004, p.4). Portanto, conforme o autor, filosofar envolvia aspectos *emocionais*: amor, desejo, entusiasmo, como elementos essenciais à formação ou constituição de *valores* sociais. Entretanto, como a tradição *kemética* concebia a *investigação* sobre a realidade das coisas? Como eles desenvolveram uma forma de pensamento capaz de explicar a realidade ou sistematizar uma forma de pensamento que pudesse beneficiar a sociedade em que viviam? Essas são perguntas que nos estimulam a pesquisar cada vez mais sobre a riqueza intelectual, espiritual e material do povo kemético.

De acordo com Obenga, no antigo *Kemet*, a noção básica de *filosofia* estava vinculada a uma “síntese de todo aprendizado e também à busca da sabedoria e da perfeição moral e espiritual” (OBENGA, 2004, p.4). De modo que notamos uma diferenciação com a *filosofia* grega – o fato de que, a *espiritualidade* fazia parte do processo de pensar a realidade e investigá-la. Porém, para muitas pessoas da área da filosofia, a palavra *espiritualidade* soa um tanto negativa, pelo menos no que diz respeito à prática do *filosofar*. No entanto, conforme entendermos a profundidade e complexidade do conceito de

**Rekhet: Um exercício que transcende  
o ato de filosofar**

---

*rekhet*, essa busca nos conduzirá a um aspecto positivo da interconexão entre *espiritualidade e intelectualidade*.

De acordo com o *Medu Neter*<sup>10</sup>, traduzido frequentemente como ‘Palavra de Deus’, a *imagem conceitual*, ou como Obenga diz – as “estruturas semióticas” (OBENGA, 2004, p.6), que os sábios keméticos desenvolveram, aparece o verbo *rekh*<sup>11</sup>(*rx*), que, como apontamos, pode significar *saber, estar ciente de, aprender, conhecer*. Quando esse verbo aparece somado com a imagem de um *homem numa posição de reverência*<sup>12</sup> passa-se a significar *sábio, erudito* e pode também significar *um filósofo, um homem instruído*. Conforme Obenga arremata:

Assim, o conceito de *rekhet* (escrito com o hieróglifo para noções abstratas) significa ‘conhecimento’, ‘ciência’, no sentido de ‘filosofia’, isto é, investigação sobre a natureza das coisas (*khet*) com base em conhecimento preciso (*rekhet*) e bom (*nefer*) julgamento (*upi*). A palavra *upi* significa ‘julgar’, ‘discernir’, isto é, dissecar. A palavra cognata *upet* significa ‘especificação’, ‘julgamento’ e *upset* significa ‘especificar’, isto é, dar os detalhes de alguma coisa. (OBENGA, 2004, p.5).

Ou seja, conceito de *rekhet* está em *interação* com as outras atividades intelectuais vinculadas à noção de prática filosófica como estética, ética, lógica, metafísica, entre outras. E não somente isso, tal conceito é tão abrangente, portanto, que inclui a *espiritualidade* no processo investigativo. Tanto é assim

---

<sup>10</sup> Tal termo tem uma significação dupla: uma faz referência à fala (“Palavra de Ntr/Ntrw”, “Palavra de Deus/Deuses”), outra faz referência à escrita (“Escrita de Ntr/Ntrw”, “Escrita de Deus/Deuses”). O *Mdw Ntr* foi nomeado pelos gregos como ‘*hieróglifo*’, significando “escrita sagrada”. ver. OLIVEIRA, 2008, p.73 e 83.

<sup>11</sup> Cujo código de registro é D21-Aa1-Y1. Onde D21 é representado como uma *boca*, Aa1 uma *placenta* e Y1 um *papiro selado*.

<sup>12</sup> Código de registro A1.

que, após fazer a citação sobre a *Inscrição de Antef*, a qual apresenta “a primeira declaração clara e distinta” sobre o significado fundamental de um filósofo, Obenga diz:

Pensar profundamente significa lidar com questões substanciais. E o que um filósofo faz na vida, ele deve fazer dentro de limites razoáveis, não sendo de todo sujeito a visões radicais ou extremas. Um filósofo defende visões ou julgamentos moderados, como ele ou ela ama a verdade (maat). (OBENGA, 2004, p.7, grifo nosso).

Com isso, ao apresentar o conceito de *Maat* como intrínseco ao exercício *rekhético*, isto é, *filosófico*, T. Obenga nos insere no campo da *espiritualidade*:

Maat é pertinente a todas as esferas da realidade, a divina ou a sagrada, a cósmica, a física, a política e a familiar. [...] Essa inclusividade faz dela um todo ordenado e esteticamente coerente; é por isso que Maat também significa a ordem da totalidade da existência. Assim, tudo no universo que é real e ordenado é a expressão ou manifestação de Maat. (OBENGA, 2004, p. 24-25, grifo nosso).

Como personificação da virtude perfeita, *Maat* não apenas representava uma imagem de uma Deusa *kemética* da África antiga, isto é, uma *Neteret/Netert (Nirt)* – a existência das forças cósmicas (*Nun*) – mas abrangia todo um conceito *rekhetiano*, marcando a vida de uma pessoa sábia como uma pessoa polida e instruída. É por esta razão que uma pessoa sábia é semelhante a uma estrela (*seba*), pois se torna uma pessoa brilhante pelo modo de viver a vida, reluzindo a sabedoria que acumulou ao longo de sua formação sapiencial. Ou seja,

**Rekhet: Um exercício que transcende  
o ato de filosofar**

---

acompanhada do conceito de *sat*<sup>13</sup>, *seba*<sup>14</sup> e *sai*, a pessoa em exercício *rekhético* procura ser *prudente, silenciosa e atenta* para obter ou despertar sabedoria em si mesma ou transmiti-la às outras pessoas. É por esse motivo também que Obenga afirma: “A filosofia nos tempos antigos do Egito faraônico era, então, uma espécie de pedagogia que continha os sábios ensinamentos (*sebayit*) dos antigos sábios, que eram estudiosos, padres e oficiais ou estadistas ao mesmo tempo”. (OBENGA, 2004, p.4)

O exercício *rekhético* envolve essa *espécie de pedagogia do silêncio*. Pois, uma pessoa sábia (*sai*) é ‘uma pessoa prudente (*sai, sat*), silenciosa, sagaz em lidar com assuntos e exercitar o bom senso’ ou bom (*nefer*) julgamento (*upi*). Como matéria e espírito não eram concebidos como conceitos opostos e separados, uma pessoa *rekhética* pode recorrer a todos os recursos de seu ser que inclui a *razão e a emoção* para a realização de uma vida (*ankh*) sábia (*rekh, sai, sat*) e verdadeiramente virtuosa, tendo a verdade (*Maat*) como guia.

Em harmonia com isso, o filósofo Renato Nogueira, num texto com o título de *A ética da serenidade: O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope*, nos apresenta o *rekhet* de um escriba, cujo papiro (código de registro 1074) no Museu Britânico é datado em cerca de 1300 a.e.c. O escriba Amen-em-ope endereçou o registro de sua sabedoria (*sebayit*) a seu filho, o mais novo da família. Conforme aponta Nogueira: “Amen-em-ope tem uma questão que atravessa toda a obra, a virtude do silêncio ou ética da serenidade tomada como alvo da arte de usar o discernimento”. (NOGUEIRA, 2013, p.149, grifo nosso). A estrutura do livro, segundo o professor, se caracteriza de dois modos. Uma delas é a ocorrência de uma diferenciação entre a *pessoa serena* e a *pessoa acalorada*. A

---

<sup>13</sup> No *Medu Neter* é representado como *um homem em posição agachada com a mão voltada para a boca (código de registro A2)*, podendo significar também um ser ‘sábio, prudente, satisfeito’, etc.

<sup>14</sup> (podendo significar: porta, pupila, ensinar, estrela).

outra característica presente no texto do escriba é a *exortação à retidão*. Notamos que ambas as características estão em íntima relação com a ética que denominamos como *maítica*, isto é, *um princípio de conduta carregado de valores que conformam e se adequam ao conceito de Maat*. Além disso, ao expor os *Ensinamentos* de Amen-em-ope, Nogueira explica que:

O alvo principal está na circunscrição do *geru maa* [verdadeiro silencioso ou sereno], isto é, uma pessoa que sabe perfazer as palavras (filosofar), portanto, tem autocontrole e capacidade de medir o alcance dos sentimentos que passam pelo seu coração. (NOGUEIRA, 2013, p.149, grifo nosso).

Portanto, o exercício *rekhético* está intimamente relacionado com a prática *meditativa*. Ou seja, uma pessoa *rekhetiana mede* as palavras, sentimentos ou emoções, ideias que percorrem em sua mente e pulsam em seu corpo, para que, tendo em vista a *Maat* como princípio vital, possa viver em serenidade. No entanto, isso não significa que tal pessoa se isolará como um asceta. Pelo contrário, *geru maa* é um tipo de pessoa que tem consciência das dificuldades e problemas recorrentes na vida. Por esse motivo, Amen-em-ope apresenta duas *imagens conceituais* – a da *barca* e a da *balança*. Em relação à *barca*, Renato Nogueira prossegue dizendo:

A *barca* é a experimentação do discernimento. A pessoa que tem lugar na cabine de sua *barca* tem a tarefa de educar os que não têm *barca*. [...] Uma pessoa vive em meio a um rio imprevisível de acontecimentos, dúvidas, interrogações e escolhas morais. A vida pode ser tomada como uma travessia, um desafio de atravessar as vicissitudes da vida. (NOGUEIRA, 2013, p. 149-150).

**Rekhet: Um exercício que transcende  
o ato de filosofar**

---

De modo que a barca expressa um aspecto *pedagógico e ético*, tendo como eixo central o *discernimento* diante dos acontecimentos que *experimentamos* na vida. E isso se faz necessário porque é nos momentos em que mais nos encontramos desestabilizados emocionalmente que tendemos a agir como uma *pessoa acalorada*, isto é, carregada de ideias, palavras e sentimentos ‘inflamatórios’, pejorativos ou injuriosos. Daí o valor do exercício do *silêncio* diante das turbulências emocionais, dos acontecimentos inesperados e dificultosos no decorrer da vida. Uma pessoa *gerumática* não fará distinção entre tempos bons ou ruins, procurará sempre *discernir* o que se passa consigo e, ou, ao seu redor para melhor pensar e melhor agir. E isto é *rekhet*, isso é ser uma pessoa *rekhetiana*.

Já em relação à *balança*, intimamente ligada ao conceito de Maat por ser uma *Neteret (Ntrt)* que representa a ideia de justiça, verdade, equilíbrio, ordem universal, etc., tem a *medida* como aspecto central, porque, Nogueira explica:

A medida e a escrita da verdade, da justiça, harmonia e conhecimento são como as duas asas do íbis ou da avestruz. O íbis só pode voar com as duas, a avestruz tampouco pode se equilibrar e andar sem percalços com uma somente. Na mitologia egípcia, Maat e Toth perfazem um casamento que dá o panorama e os detalhes daquilo que a *rekhet* [filosofia] busca. (NOGUEIRA, 2013, p. 151, grifo nosso).

Além disso, o mesmo afirma que: “A questão em jogo é como a medida da palavra e, por conseguinte da escrita, devem estar devidamente alinhados ao peso e medida da verdade.” (NOGUEIRA, 2013, p.151). Assim como o escriba procurou redigir uma escrita, com um pensamento e sentimento *alinhado ao peso e medida da verdade (Maat)*, uma pessoa que se pretende *serena* voltará seu corpo e espírito em direção à Maat, isto é, à verdade, a fim de se lapidar e aprumar sua própria existência, se permitindo conduzir a si mesma ou a outras

pessoas com profundo amor pela verdade, mesmo em meio aos desafios que a barca da vida nos apresenta.

Entretanto, o que é serenidade? Renato Nogueira apresenta a seguinte explicação:

O silêncio é uma característica própria da serenidade. [...] não se trata de deixar de falar ou escrever. Mas, de uma fala que se alimenta de algo que só a serenidade do silêncio é capaz de doar. A serenidade é o que permite o discernimento, o conhecimento de uma situação, das coisas, dos modos como nossa força vital e coração brigam diante de um desejo. (NOGUEIRA, 2013, p.152, grifo nosso).

Portanto, a *serenidade* pode ser definida como *um estado de consciência ou de espírito em que uma pessoa se torna capaz de discernir e medir seus conflitos internos* em relação às manifestações de desejos ou impulsos vitais, buscando uma harmonia interna, através da observação (interna e externa) das forças que a atingem e do *silêncio*, de modo que a meditação se torna o meio para atingir um fim determinado – *a paz interior*.

No que diz respeito ao aspecto *pedagógico* do *rekhet*, *Ra Un Nefer Amen*<sup>15</sup> em seu livro *rekhético Maat: The 11 Laws of God* (Maat: As 11 Leis de Deus), faz uma severa crítica ao sistema de ensino ocidental. Ele diz o seguinte: “Educar é conduzir externamente (e=externo, fora; ducar= conduzir). Educadores despejam informações nas mentes dos alunos e não fazem nada para trabalhar sobre o que recebem e processam dessas informações.”<sup>16</sup> (AMEN, 2003, p.56, tradução nossa). É a partir do capítulo 4 de seu livro, que trata da *Lei de Tehuti* – uma esfera de influência ou força impulsiva que rege a vida do

---

<sup>15</sup> Autor de uma coleção chamada *Metu Neter Oracle*, fundador da *Sociedade Ausar Auset*, uma organização espiritual pan-africana dedicada à formação espiritual de pessoas de africanas e descendentes. Originário do Panamá.

<sup>16</sup> No original: *To educate is to lead externally (e= external, out; duct= to lead). Educators pour information into students' minds and do nothing to work on what is receiving and processing this information. (ênfase do autor).*

ser humano, que o autor expõe o que denominamos como *pedagogia rekhetica* ou *da serenidade*. A prática do ensino e aprendizagem, conforme ele diz: “é um processo duplo, 10% extuitivo (educacional – o que o professor fornece), e 90% intuitivo (aprendizagem a partir de dentro – o que o aluno fornece)”.<sup>17</sup> (AMEN, 2003, p.56, tradução nossa). Sendo assim, de acordo com essa *pedagogia da serenidade*, há uma relação entre educador[a] e aprendiz que tem a *autonomia* como aspecto fundamental da busca pela sabedoria (*rekhet*) e pela verdade (*Maat*) das coisas. De acordo com os ensinamentos de *Ra Un Nefer Amen*, manifestar a *paz*, ou serenidade, deve ser nosso maior objetivo na vida, e a *unicidade*, a *sabedoria*, o *poder espiritual*, etc., são meios para alcançarmos esse fim. Para tanto, o convite ao *rekhet*, desenvolvido no antigo *Kemet*, precisa ser cardiografado<sup>18</sup> pelo *coração* (*Ib*) para que as múltiplas experiências e ensinamentos ‘*sebayiticos*’ possam preencher nosso ser de conteúdos que nos tornem em *pessoas serenas*, cuja *paz* e o *silêncio* sejam as asas ou os remos da embarcação, metafórica como a experiência de viver.

### **Algumas reflexões sobre a pesquisa *rekhetica***

É um breve estudo sobre *rekhet* e por si só, revela a dramaticidade do apagamento ontológico afrodiaspórico. Embora seja possível perceber a imensidão de saberes por detrás deste conceito, nos deparamos com as dificuldades materiais para a obtenção e acessibilidade a documentos. Esta limitação obriga ao pesquisador conviver sempre com o peso da incompletude, não aquela que é exigente, mas a absolutamente insuficiente e que requer do filósofo dedicado romper-se para

---

<sup>17</sup>No original: *Teaching and learning is a dual process 10% extuitive (educational – what the teacher provides), and 90% intuitive (learning from within – what the student provides).*

<sup>18</sup> Renato Nogueira fornece uma chave de leitura sobre o coração através do conceito de *cardiografia*, em sua contribuição à revista *Semna* - Estudos de Egiptologia II, página 117.

além do seu título profissional e que se conduza pelos caminhos sugeridos por Obenga, fazer do exercício de historiar a filosofia do *Kemet*, “uma investigação criativa, pensando nas ideias e teorias” que nos chegam (OBENGA, 2004, p.2). O que não é um mal em si. Mas os resultados poderiam ser mais robustos levando-se em conta que a riqueza material produzida pelos kemetianos não condiz com a dificuldade que ora encontramos, tiveram o cuidado de esculpir, pintar, construir, escrever, preservar para a eternidade suas experiências e reflexões sobre a vida. Registros fartos e eloquentes de pensamentos que se acumularam por milênios, condizentes com a riqueza e exuberância de vida que o Nilo proporcionava sob a regência magnificente do sol, deus (*Neter*) presente e companheiro nos momentos laboriosos e que se oculta e convida ao repouso. Ele próprio, o deus, deixa evidente que sob sua luminosidade a vida é criada e é máxima, todos os dias e só é por ele. O deus que entardece a cada dia é o mesmo que amanhece e de novo preside a trajetória do fazer a criação ser permanente e eterna, sem fixidez, o movimento faz parte da sua existência. É provável que derive da experiência com as noites revigorantes e esperançosas, com a certeza de que às trevas sucederia de novo o deus que repousa e volta forte e enérgico para criar e que é ele o deus, vida acontecendo. Sua realidade comporta a aprendizagem e a novidade de cada nascimento do dia. Esta perspectiva diante do saber, um diferencial, é propriamente *rekhet*, ocorre no interior das possibilidades existenciais que explode em toda a cena o que pode, evidentemente, ser relacionado com a presença inegável do Sol, deus criador.<sup>19</sup> É a expressão desta experiência, as palavras que são lapidadas no tempo e no silêncio até chegar à palavra abundante e plena, sem temores, pois há em si a certeza do devir, de novo luminoso. Sim, insisto, esta é uma perspectiva condizente com a vivência do povo que habitava o *Kemet* repousando em firmes pilares moldados na confiança e

---

<sup>19</sup> Para mais informações sobre Rá, o “deus Sol”, demiurgo, ver: ONDÓ, Eugênio Nkogo. *Síntesis sistemática de la filosofía africana.*, p. 90-96. Editore: Carena, 2ªed. 2006.

permanência. Se a barca é a experiência que conduz ao pensamento, por certo, o pensamento deste povo, único, também tem que ser diverso de qualquer outro e marcado pela altivez, nunca ser subalterno a qualquer ideia de universalidade.

Considerando que “universal” pode ser lido como uma composição do latim unius (um) e versus (alternativa de...), fica claro que o universal, como um e o mesmo, contradiz a ideia de contraste ou alternativa inerente à palavra versus. A contradição ressalta o um, para a exclusão total do outro lado. Este parece ser o sentido dominante do universal, mesmo em nosso tempo. Mas a contradição é repulsiva para a lógica. Uma das maneiras de resolver esta contradição é introduzir o conceito de pluriversalidade. (RAMOSE, 2011. p. 10).

Ramose argumenta que a questão da pluriversalidade é mais condizente com a perspectiva da inexistência de um centro no universo. Aplicada ao ambiente da convivência a universalidade estabelece escalas de exclusão de tal modo que os que não compartilham do modelo racional grego deixam de gozar da condição humana só reservada aos que são capazes de explicar a *physis* exclusivamente pelo pensamento e suas ferramentas. Como já vimos, os keméticos, milênios antes da afirmação grega, desenvolveram uma forma eficiente de obter ciências das coisas e ideias a que deram o nome de *rekhet*.

Retomando a questão referente ao acesso às informações históricas e o pensamento da antiguidade que floresceu no continente hoje chamado de África, há que se dizer do peso que recai sobre nós brasileiros, já que aqui a praxe tem sido negar a própria filosofia, saber que sustenta a estrutura civilizacional do ocidente. O filtro sobre as informações disponibilizadas mescla desinteresse, genuína ignorância e extremada perversidade uma vez que o apagamento ontológico é pedra de sustentação do domínio colonialista e opressor sobre o povo da diáspora africana. A condição da presença africana no convencional Ocidente é a ausência de herança e poder, o que

**Rekhet: Um exercício que transcende  
o ato de filosofar**

---

permite a consolidação do projeto colonial. Desta forma, destituir o acesso aos saberes é parte da dessubjetivação e não uma ocorrência fortuita dentro da estrutura do poder dominante e não se presta a mudança. Então, todo o empenho para retomar a prática do *rekhet* como instrumento para refletir sobre a existência e acumular saberes é revolucionário e libertador. Uma vez eliminado o jugo do pensamento totalizador os benefícios recairão para os oprimidos e por certo também para toda a humanidade. É nesta direção que caminhamos neste projeto de, a todo custo, trazer à luz e sob o sol que ilumina este sul tais saberes. A obscuridade não é permanente, o que aprendemos com o *Kemet*, perdura como saber da oralidade, o Sol brilhará outra vez e assim canta, talvez mesmo sem o saber, os seus herdeiros, nesta terra onde ainda somos cativos:

*O sol há de brilhar mais uma vez  
A luz há de chegar aos corações  
Do mal será queimada a semente  
E o amor será eterno novamente  
(CAVAQUINHO, 1973)*

Nos barracões das escolas de samba, nos campos coloniais, nos quilombos e terreiros, nas rodas de capoeira ou nas tumbas do Atlântico foi sempre o mesmo movimento que articulou a natureza toda e a criatura humana em busca de respostas e acalanto para existir e resistir, fenômeno existencial de colocar-se em oposição às tensões e manter-se afirmativamente preservando a própria natureza. Os saberes *rekhéticos* e a forma de produzi-los chega pela oralidade aos africanos continentais ou diaspóricos. O verso acima, trecho de uma canção popular muito conhecida no Brasil, sintetiza de modo brilhante a dinâmica destes conceitos e evidencia o alcance do *rekhet* entre nós. Se substituirmos corações por *ib* e a última estrofe por *Maat* não restará nenhuma dúvida da matriz desta orientação existencial. O sol agindo sobre o que é desarmônico, à espera da luz que chegue aos corações, da solução ao eterno amor, ou seja, o justo, a medida, *Maat* que se revela enquanto princípio, mesmo quando não se sabe o seu

nome. Essas palavras keméticas tão antigas eram reconhecidas como uma profunda ciência que esses povos produziram, conforme Obenga, citando Plotino:

Plotino (205-70 d.E.C.), filósofo e escritor romano nascido no Egito que fundou o neoplatonismo, escreveu durante o terceiro século d.E.C. que os “sábios egípcios mostraram sua ciência consumada usando sinais simbólicos... Assim, cada hieroglífico constituía uma espécie de ciência da sabedoria.” Nessa demonstração, Plotino considerava os hieróglifos um sistema de escrita que registrava coisas e ideias reais sem confusão. (OBENGA, 2004. p. 8).

A existência do universo e dos hieróglifos se confunde, já que tudo está representado por eles e revelam um conhecimento abrangente de toda a realidade a qual conceitua de modo completo e sistematizado. Sendo assim, desconhecê-los e não se dedicar ao seu estudo é o grande peso do qual nos reportamos. A escrita está presente na maioria dos registros do período kemético, seja nos túmulos, paredes dos templos e monumentos constituindo um problema a compreensão plena dos significados propostos sem a leitura dos seus símbolos hieroglíficos. O estudo apurado do *rekhet* requer do seu proponente acesso a um material que deve necessariamente alimentar sua vivência, portanto, precisa ser pleno, contribuindo com todas as instâncias possíveis de se saber das coisas relativas e representadas por este material. Ler sobre os símbolos diversos da cultura do *Kemet* não é satisfatório, por não propiciar a integração desejável. Há de se lidar com este *gap* demonstrado na forma de vazio intelectual, sensível e espiritual, uma crise, portanto, que requer a firmeza na empreitada de superação através do fortalecimento das estratégias de pesquisa. Se cada hieroglífico é a própria ciência das coisas, o relato sobre o mesmo é uma interpretação que mesmo sincera distancia-se da coisa em si. O *rekhet* não abre mão da vida e da experiência de

onde provém sua racionalidade integrada ao que pode o corpo e o espírito manifestos no ser. Posto a causa da angústia, deve-se evidenciar que ela não aponta que o desprezo colonialista em relação a este aprendizado e a determinação de quem se beneficia do apagamento ontológico de manter o povo diaspórico nesta condição, seja impeditivo do estudo e busca de superação. Ao contrário, deve fazer brotar vontade e energia para o desvendamento e retomada do saber ancestral.

### **Filosofia Africana: conceito e metodologia de pesquisa.**

Há alguns pontos importantes que T. Obenga expôs em seu texto, do qual nos baseamos para a escrita deste artigo, que indicam pistas à realização das pesquisas de *Filosofia Africana* de modo a obtermos resultados mais frutíferos. Em relação ao termo *filosofia Africana*, quer-se indicar apenas um conceito categórico e não uma noção universalizadora ao ponto de querer invisibilizar a *produção intelectual* (expressa pelas vias orais ou escritas) de *todos os povos do continente africano*. De fato, cada grupo étnico-linguístico do continente africano carrega pensamentos, conceitos, cosmovisões singulares e, portanto, a diferenciação é bem enfática. Porém, não nos parece ser um erro gravíssimo usar tal categoria (*filosofia africana*), até pelo menos encontrarmos uma que possa ser substituída consensualmente, convencionalmente, pois é recorrente o uso dos termos “filosofia ocidental, asiática ou oriental, europeia, etc.”, mesmo sabendo que todas essas categorias não revelam a multiplicidade de pensamentos das figuras intelectuais de seus respectivos territórios geográficos. Contudo, nos parece razoável adotarmos o termo e o conceito de *rekhet* como uma proposta de pensamento que transcende o termo e conceito de *filosofia*, conforme quisemos demonstrar e enfatizar neste trabalho. Pois as pessoas terão a oportunidade de se aproximar da riqueza intelectual de uma das primeiras civilizações da antiga África – a civilização *Kemet (Kmt)*, nomeada por autores gregos como “*Egito*”. Tendo isso em mente, poderemos seguir a um passo adiante, que conformam aos dois pontos centrais

fundamentais aos pesquisadores de *Filosofia Africana*, os quais Obenga enfatiza: *recorte histórico e método analítico e crítico da História da Filosofia Africana*.

Em relação ao *recorte histórico* de que trata Obenga, faz-se importante porque a história do antigo *Kemet* é demasiadamente longa, contendo vastos registros documentais – desde papiros às grafias feitas em pirâmides, esculturas, etc. Não à toa existe uma disciplina voltada exclusivamente para o estudo dessa civilização tão singular – a *egiptologia*. Segundo alguns pesquisadores, a história dessa civilização pode ser remontada em cerca de 7 mil anos a.e.c., considerado como início do Neolítico, ou seja, com o primeiro povoamento efetivo do vale do Nilo. Essa civilização, como sabemos, se caracteriza pelas longas *dinastias* no exercício do poder político. Com base nos estudos atuais, alguns conceitos keméticos passam a ser mais enfatizados do que outros, ou conforme o período histórico, vão se atualizando, constituindo-se em novas concepções. A exemplo disso temos o conceito de *Amen*, que, segundo os egiptólogos, era um conceito espiritual, filosófico e ético, apropriado dos povos *Kushitas*<sup>20</sup>. Seja como for, o fato é que *Amen* (ou *Amun*, *Amon*) passou a fazer parte dos muitos outros *Neteru* (*NTRW*), isto é, conceito que carrega a ideia de *forças cósmicas* que operam no universo, tanto no plano espiritual (divino ou sagrado), como no plano físico (material). Portanto, realmente é fundamental no decorrer das pesquisas estudar:

- o *período histórico* em que cada conceito foi criado, desenvolvido, atualizado, etc.;
- o *método analítico e crítico da história*, conforme propõe e faz Obenga;
- a língua *Medu Neter* (Mdw Ntr).

---

<sup>20</sup> Para mais informações, assista no canal *OSHI Autoimagem* disponível no Youtube: *Espírito Núbio: 02 - Religião Antiga e Mitologia Espiritual*. Link: [https://youtu.be/kdSiBLx\\_f8c](https://youtu.be/kdSiBLx_f8c)

Em certo sentido, Obenga reconhece o *historiador de filosofia africana* como um filósofo tradicional. Ou seja, ele enfatiza a importância de recorrer a “métodos válidos para esclarecer as ideias, conceitos e especulações dos filósofos do passado e levar suas teorias à sua conclusão final, a fim de mostrar sua eficácia” (OBENGA, 2004, p.1-2, grifo nosso). Isso nos parece necessário também porque ao analisar alguns trabalhos dele e de Cheikh Anta Diop notamos a importância da *interdisciplinaridade*, ou o que denominamos como sendo um método *holístico*, pois o *rekhet* do antigo *Kemet* era *holístico*, isto é, um pensamento abrangente que dialogava com as diversas áreas da sabedoria humana, como as das chamadas ciências exatas, humanas e naturais. Sendo assim, tal método permite ao pesquisador analisar e conhecer: teses, argumentos e pressupostos no antigo sistema de pensamento *rekhético*, bem como o repertório cultural envolvido nesse sistema de pensamento, possibilitando entender a validade lógica e a compreensão da eficácia das ideias e conceitos que configuram o sistema.

Em relação ao *Medu Neter*, o historiador e filósofo brasileiro Francis Lousada R. Oliveira reconhece alguns aspectos *convencionais* da língua *kemética* decifradas com a ajuda de Champollion<sup>21</sup> e o filólogo Gardiner<sup>22</sup>. Na *Apresentação* de seu dicionário, intitulado *A escrita sagrada do Egito Antigo. Dicionário Hieróglifo-Português*, o autor diz o seguinte:

Nossa contribuição inovadora está no método de transliterar as palavras para o português, os fonogramas semelhantes as nossas modernas vogais a, e, i, o, u, que chamamos de pseudo-vogais foram

---

<sup>21</sup> Jean-François Champollion (1790-1832) foi um renomado e famoso egiptólogo francês, um dos principais responsáveis pela decifração do *Medu Neter* (hieroglíficos, segundo o termo grego).

<sup>22</sup> Sir Alan Henderson Gardiner (1879-1963) foi um linguista, arqueólogo, antropólogo e egiptólogo, cuja obra *Egyptian Grammar. Being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*. ed.rev London: Oxford University Press, 1964., recorremos frequentemente em nossas pesquisas.

traduzidas e grafadas juntamente com as palavras, este método não é internacionalmente adotado, caso em que estes fonogramas não são traduzidos para nosso alfabeto, dificultando o trabalho do aprendiz. Assim mesmo sabendo que a vogal “a” não existem no Antigo Egito, nós a grafamos e a chamamos de pseudo-vogais, por exemplo, o monofonograma que vocalizado equivale ao nosso “a”, evitando assim o uso de um outro sinal como se faz no contexto internacional. (OLIVEIRA, 2008, p.11)

Portanto, se a grafia das transliterações é *convencional*, preferimos adotar as transliterações e traduções que mais se adequam tanto aos falantes de língua portuguesa, como aos conceitos que evidenciam de certo modo o *continuum* da história africana, na diáspora e no continente. Pois encontramos frequentemente a constante reprodução das nomeações greco-romanas, como “deus”, “deusa” ou “deuses/deusas” ao invés de “*neter*”, “*neteret*” ou “*neteru*” (*Ntr/Ntrt/Ntrw*, respectivamente). E isso constitui um problema conceitual, como se os povos de línguas grega e latina tivessem uma noção idêntica ou houvesse uma correspondência conceitual entre os termos “deus/deusa” (“*théos*” no grego e “*Deo*” em latim) e “*neter/neteret*” (*Ntr/Ntrt*).

Ora, encontramos na *Encyclopedia of Ancient Egypt*<sup>23</sup>, por exemplo, pelo menos três verbetes que procuram explicar o sentido ou significação atribuídos ao conceito de *Ntr* e *Ntrt*:

Netcher. This was the ancient Egyptian name for the deity symbol used on totems and pennants. When a netcher was displayed on the FLAGSTAFF at the entrance to a temple or shrine, it denoted the presence of the deity in the structure. The netcher was visible when the pennants were flown by the

---

<sup>23</sup> BUNSON, Margaret R. *Encyclopedia of Ancient Egypt*. Facts On File, Inc.; 2ª Revised Edition, 2002.

wind. Flagstaffs and pennants were part of all religious buildings, dating to the displays of clan and NOME cult totems in the earliest periods in the Nile Valley. (BUNSON, 2002, p.276, ênfase do autor)<sup>24</sup>

Neter. This was the ancient Egyptian word for a deity, translated as "power" or "strength", as well as "renewal" or "renovation". A *NETERIT* was a site or town dedicated to *GOD*. In the truly archaic periods, the word was translated as "possessing the power to renew life indefinitely", and was translated as well as "strong of arm". (BUNSON, 2002, p.276, ênfase do autor).<sup>25</sup>

Neterit: This was the ancient Egyptian word for a sacred domain or a divine site, a building or a town dedicated to a particular deity or group of gods. (BUNSON, 2002, p.276, ênfase do autor)<sup>26</sup>

Há, portanto, uma confusão em torno desse conceito *Ntr/ Ntrt*, conforme mostram esses verbetes e as traduções deles em língua portuguesa, pois questionamos se *Neter (Ntr)*, suas derivações e variações, era mesmo correspondente a *Theós* em grego ou *Deus* em latim. Por isso, somente através das

---

<sup>24</sup> Netcher. Este era o antigo nome egípcio para o símbolo da divindade usado em totens e flâmulas (bandeiras). Quando um *netcher* era exibido no Mastro na entrada de um templo ou santuário, denotava a presença da divindade na estrutura. O *netcher* era visível quando os galhardetes (bandeiras) faziam parte de todos os edifícios religiosos, datando das exibições de totens de clãs e cultos de nomes nos primeiros períodos do vale do Nilo (BUNSON, 2002, p.276, tradução nossa, ênfase do autor).

<sup>25</sup> Neter. Essa era a antiga palavra egípcia para divindade, traduzida como "poder" ou "força", assim como "renovação" ou "restauração". Um *NETERIT* era um local ou cidade dedicada a DEUS. Nos períodos verdadeiramente arcaicos, a palavra foi traduzida como "possuindo o poder de renovar a vida indefinidamente" e foi traduzida também como "forte do braço". (BUNSON, 2002, p.276, tradução nossa, ênfase do autor)

<sup>26</sup> Neterit. Esta era a palavra egípcia antiga para um domínio sagrado ou um local divino, um edifício ou uma cidade dedicada a uma divindade ou grupo de deuses em particular. (BUNSON, 2002, p.276, tradução nossa, ênfase do autor).

metodologias de análise crítica tanto da história quanto desses conceitos africanos poderemos eliminar certas ambiguidades ou pelo menos encontrar uma melhor definição, transliteração e tradução desses termos e conceitos keméticos para os falantes de língua portuguesa que estudam ou apenas leem sobre o tema.

Só para evidenciar o problema que gira em torno desse conceito, Wallis Budge (1857-1934) na sua introdução à tradução transliterada para a língua inglesa do livro *The Papyrus of Ani*, sob o tópico *Egyptian ideas about God and the "Gods"*, tende a atribuir o sentido de *neter* a “poder” e, ou, à “força”, embora admita ser completamente impossível ter certeza sobre a exatidão da ideia que o antigo povo de *Kemet* atribuía ao termo. Mesmo comparando um termo em copta *nuti* com *neter*, o qual atribuem sentidos semelhantes às traduções, Budge nega a contribuição que a língua cóptica possa trazer para recuperar o sentido original do conceito de *neter*. O mais interessante, contudo, é quando ele faz uma citação a um Dr. chamado Bruschi, a qual reproduziremos:

The late Dr. Bruschi defined *neter* to mean “the active power which produces and creates things in regular recurrence; which bestows new life upon them, and gives back to them their youthful vigor”, and he adds that the innate conception of the word completely covers the original meaning of the Greek *physis* and the Latin *natura*. (BUDGE, 1980, p.99, ênfase do autor).<sup>27</sup>

Notamos, assim, uma opção por assemelhar *neter* à *natureza* ou algo do tipo. Budge não concorda com o autor citado e procura preservar uma definição que mais se aproxima do termo e conceito greco-romano “*Deus*”, pois o termo *neter*,

---

<sup>27</sup> O falecido Dr. Bruschi definiu *neter* como “o poder ativo que produz e cria coisas em recorrências regulares; que lhes confere nova vida e lhes devolve seu vigor juvenil”, e acrescenta que a concepção inata da palavra cobre completamente o significado original do grego *physis* e do latim *natura*. (BUDGE, 1980, p.99, tradução nossa, ênfase do autor)

---

segundo ele, “em textos de todos os períodos ela é usada para Deus e também para qualquer ser que se pensasse possuir algum atributo divino ou característica.” (BUDGE, 1980, p.99, tradução e grifo nosso). Além da generalização que Budge faz em relação aos textos de diferentes períodos históricos, nos parece um tanto questionável essa ênfase no conceito de *Deus* em detrimento do conceito de *natura* (do Latim) ao qual o referido Dr. Brugsch preferiu. Não queremos, porém, resumir ou reduzir o debate em poucas linhas ou parágrafos, pois não é o foco deste trabalho. Contudo, propomos uma reflexão mais profunda às pessoas que porventura trabalham no processo de tradução desses conceitos keméticos, bem como aos aprendizes que estão se introduzindo no *rekhet*. A atenção aos detalhes é muito importante, ainda mais pelo fato de muitos autores do século XIX e XX, como Budge, carregarem alguns vícios em seus trabalhos científicos. Lembramos também que a área da “*egiptologia*” é predominantemente ocupada por pessoas brancas devido a estrutura historicamente racista e por isso poucas pessoas pretas e africanas têm condições materiais para a dedicação plena das pesquisas científicas e filosóficas da África antiga. Mesmo havendo uma hegemonia branca na construção das epistemologias de conteúdos sobre as antigas civilizações africanas, acreditamos ser importante, a quem nos ler, ter uma disposição em averiguar os métodos e as interpretações empregadas nos trabalhos sobre *Filosofia Africana*, em geral, e no *Rekhet*, em particular, tendo em mente a riqueza intelectual da África antiga, como quisemos demonstrar brevemente aqui.

Todavia, com base no trabalho de Oliveira, que forneceu algumas dicas para quem almeja realizar o trabalho de tradução do *medu neter* e, ou, no exercício *rekhético*, reproduziremos pelo menos 6 passos ou etapas, as quais o autor sugere:

1. Descobrir a direção em que o texto foi escrito, da direita para a esquerda ou vice-versa, de cima para baixo, etc. ([...] para tal é só olhar a direção em que os animais

estão olhando, lá será o início onde começaremos a ler a inscrição);

2. Agrupar os signos formando palavras [...];

3. Transliterar-as, ou seja, passe para o alfabeto latino [...];

4. Fazer a “fonação” das palavras em egípcio, a fonação das palavras é bem hipotética, mas tentamos assim fazer, para Gardiner (1997) diz que devemos colocar uma vogal “e” entre duas consoantes, quer dizer, quando aparecerem duas consoantes juntas não será possível vocalizar a palavra, colocando a vogal e entre elas será possível;

5. Nossa tradução diferiu das normas internacionais, nossa inovação como dito foi transliterar os fonogramas que possuem os sons iguais as nossas vogais, como se fossem realmente vogais, o que chamamos em nossa proposta de pseudo-vogais, fez-se necessário como uma forma mais fácil e inovadora de ler as mesmas, e didaticamente eficaz para o ensino da língua;

6. Por fim fazer a tradução final. (OLIVEIRA, 2008, p.11-12).

Tendo em mente essas dicas, bem como o entendimento de que certos modos de transliterar e traduzir o *medu neter (Mdw Ntr)* são *convencionais* e questionáveis, enfatizamos a importância também da interdisciplinaridade. Pois, além de procurarmos entender o contexto, isto é, o período histórico em que surge determinados conceitos keméticos, se antes do período do Médio Império, durante ou depois, precisamos nos atentar aos muitos trabalhos que vêm demonstrando de diferentes modos um *continuum* da produção intelectual africana, como fez Cheikh Anta Diop e como vem fazendo T. Obenga.

Contudo, o processo de tradução e conceituação, sempre gira em torno do direito natural da *autonegação* e *autodeterminação* dos povos, e insistimos nisso porque durante muito tempo se vem convencionando termos, conceitos e definições impostos pela hegemonia ocidental, branca,

colonizadora de mentes e corpos, em certo sentido negando o olhar que os próprios povos africanos e povos não-brancos tinham e ainda têm sobre si mesmos, ou se apropriando da produção intelectual desses, renomeando e patenteando com fins de lucrar, comercializar. Sendo assim, faz-se necessário adotar um modo de escrita e pronúncia dos termos e conceitos estudados conforme nosso idioma local, sem, contudo, perder o caráter *kemético* dos termos, isto é, o *radical* das palavras transliteradas. Por exemplo, encontramos em algumas obras as grafias: ‘*kamit*’, ‘*Kemet*’, ‘*kami/kam*’, ‘*kemi/kem*’, etc. Independentemente de qualquer coisa, essas grafias preservaram o que chamamos de *radical* da língua *kemética*: *Kmt* (indicando local, território, país do povo que o habita) e *km*<sup>28</sup> (indicando coloração ou aparência das pessoas, especificamente pretas). Em conformidade com isso, rejeitamos o uso do termo *Egito* (que expressa uma nomeação grega, helenística) e preferimos o uso do termo *Kemet*, justamente porque além de expressar o caráter original de como os povos dessa civilização se *autonomeavam* e se viam, cuja palavra pode tanto se referir ao território como à característica das pessoas que o habitavam, tal termo ajuda a lembrar também a continuação da *colonização epistemológica* que opera em diversas instituições públicas de ensino, em especial, as quais dão ênfase maior aos estudos de línguas grega e latina, intituladas como clássicas nos Departamentos dos Estudos de Letras, ocultando ou rejeitando, porém, as línguas africanas antigas como o *medu neter*, sendo que esta havia influenciado as outras e não o contrário.

Assim, tendo por método de pesquisa as sugestões e propostas tanto as de Théophile Obenga, o qual nos é referência como as de Oliveira, conseguiremos produzir mais materiais necessários para o desenvolvimento e expansão dos trabalhos *rekhéticos*, os quais estão florescendo no Brasil.

---

<sup>28</sup> Ver. OBENGA, T. *O Sentido da Luta Contra o Africanismo Eurocentrista.*, cap.III, p. 41-42. Edições Pedagogo, Ltda., 2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa escrita mira o hoje, para o amanhã, outras virão. Essas últimas palavras, então, se tornam o começo do próximo fim. Assim, o adiamos, seguindo os rastros deixados pelos ancestrais keméticos prosseguimos com a intenção do fim que não chega, do fim tardio que demora, que insiste em não terminar. Tendo em vista a hostilidade do racismo e os processos perversos que estão envoltos nesse mecanismo doentio, no qual vidas são interrompidas precocemente, aqui demonstramos a teimosia dos que se mantêm de pé, e buscam expandir os caminhos estreitos, porém longos, e codificados que os ancestrais deixaram para nós. Assim como ao sábio rekhético, a noite para nós é propícia. Seguimos o caminho daqueles que não dormem, daqueles que insistem em não pregar o olho. Miramos o horizonte, ansiamos pelo próximo nascer do sol, que vem após uma escuridão aparentemente sem fim. Tudo o que fazemos, incluído o que será feito, só é possível pelas multiplicidades que compõe o nosso laboratório e pelo entendimento de unicidade que temos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMEN, Ra Un Nefer. *MAAT The 11 Laws of God*. Kamit Publications, 2003.

ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade – literature no Egito faraônico*. Brasília: UNB, 2000.

ASANTE, Molefi K. *The Egyptian Philosophers: Ancient African Voices from Imhotep to Akhenaten*. African American Images; 1 edition, 2000.

\_\_\_\_\_. *Afrocentricity: The Theory of Social Change*. African American Images; Revised and expanded second edition, 2003.

BERNAL, Martin G. *Black Athena: Afroasiatic Roots of Classical Civilization: The Fabrication of Ancient Greece 1785-1985*, Vol.I. Rutland Local History & Record Society; 1st edition, 1987.

BUDGE, E. A. Wallis. *The Book of dead: the papyrus of Ani in the British Museum: the Egyptian text with interlinear transliteration and translation, a running translation, introduction, etc.* Dove Publications, Inc., New York, 1980.

BUNSON, Margaret R. *Encyclopedia of Ancient Egypt*. Facts On File, Inc.; 2ª Revised Edition, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *O Egito*. SP: Brasiliense, 2004.

CAVAQUINHO, Nelson (intérprete). *Juízo final in.: Quatro grandes do samba*. Rio de Janeiro, 1973 EMI Music Brasil Ltda; LatinAutor; União Brasileira de Editoras de Música.

DIOP, Cheikh A. *A Unidade Cultural da África Negra. Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica*. Edições Pedagogo, Lda/ Edições Mulemba, 2014.

GARDINER, A. H. *Egyptian Grammar: Being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*. London: Oxford University Press, 1964.

JAMES, George G.M. *Stolen Legacy: Greek Philosophy is Stolen Egyptian Philosophy*. Allegro Editions; Reprint ed. 2017.

LAËRTIOS, D. *Vida e Doutrina dos filósofos ilustres*. 2ªed., reimpressão. Brasília: editora universidade de Brasília, 2008.

NOGUEIRA, Renato. *Ensaio Filosóficos, Volume VIII – Dezembro/2013.*

\_\_\_\_\_. *Amenemope, o coração e a filosofia, ou, a cardiografia (do pensamento).* In.: Semna - Estudos de Egiptologia II, p.117. RJ: Seshat - Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional, 2015.

OBENGA, Théophile. *Egypt: Ancient History of African Philosophy.* In: KWASI, Wiredu (ed.). *A Companion to African Philosophy.* Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004, p. 31-49. Tradução para uso didático para o projeto de pesquisas *Dissecando o racismo epistêmico: a urgência de outra perspectiva no ensino de filosofia*, por Vinícius da Silva ([viniciuxcostasilva@gmail.com](mailto:viniciuxcostasilva@gmail.com)).

\_\_\_\_\_. *La philosophie Africaine de la période pharaonique (2780-330 a.e.c.).* Paris: L'Harmattan, 1990.

\_\_\_\_\_. *O Sentido da Luta Contra o Africanismo Eurocentrista.* Edições Pedagogo, Lda./ Edições Mulemba, 2013.

OLIVEIRA, Francis Lousada Rubiini de. *A Escrita Sagrada do Egito Antigo. Dicionário Hieróglifo-Português.* Ibitirama/ES: Ed. do Autor, 2008.

OLIVEIRA, Humberto Luiz Lima de [traduzido por]. *Panorama histórico da vida, do pensamento e da obra de Cheikh Anta Diop*[recurso eletrônico]. Recife: Ed. UFPE, 2019.

ONDÓ, Eugênio Nkogo. *Síntesis sistemática de la filosofía africana.* Editore: Carena, 2ªed. 2006.

RAMOSE, M.B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana On the legitimacy and study of African Philosophy Tradução por SOLIS, Dirce Eleonora Nigro; LOPES, Rafael Medina; CASSIANO, Roberta Ribeiro. Rio de Janeiro. Revista Ensaio Filosóficos, volume IV, 2011.

UNESCO. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010.

\_\_\_\_\_. *História geral da África, II: África antiga*. Brasília: UNESCO, 2010.

YU-LAN, Fun. *A Short History of Chinese Philosophy*. New York: The Free Press, 1976.

### **SITOGRAFIA**

[www.ucad.sn](http://www.ucad.sn)

[www.cheikhantadiop.net](http://www.cheikhantadiop.net)

[www.ankhonline.com](http://www.ankhonline.com)

[www.rnd.sn](http://www.rnd.sn)

[www.pyramidtextsonline.com/library.html#openbook](http://www.pyramidtextsonline.com/library.html#openbook)

[www.sacred-texts.com/egy/ebod/index.htm](http://www.sacred-texts.com/egy/ebod/index.htm)

[www.ronaldbirdsall.com/gizeh/petrie/index.htm](http://www.ronaldbirdsall.com/gizeh/petrie/index.htm)

[www.asante.net](http://www.asante.net)

### **VIDEOGRAFIA**

*Espírito Núbio: 01 - Introdução:*

<https://www.youtube.com/watch?v=E7BCACL3z68>

*Espírito Núbio: 02 - Religião Antiga e Mitologia Espiritual:*

[https://www.youtube.com/watch?v=kdSiBLx\\_f8c](https://www.youtube.com/watch?v=kdSiBLx_f8c)